

27 de Outubro 2007 – Sábado
Pequeno Auditório
21H00
Duração: 1H25
Público-alvo: a partir dos 6 anos
Co-produção: CCB/Festival Internacional de Aveiro

PEDRO CARNEIRO E QUARTETO ARDITTI

Pedro Carneiro – marimba
Quarteto Arditti – quarteto de cordas

Programa

Rui Penha
Perspective para marimba e quarteto de cordas – Estreia Mundial

Patrícia Almeida
Dulce Delirium para quarteto de cordas

João Pedro Oliveira
Espiral de Luz para quarteto de cordas

Intervalo

Pedro Carneiro
Lentement, music boxes floating... (whisper for JS)
(Parte 5a, de "... ni mots, ni signes...") para violoncelo solo

Pedro Carneiro
...e todo eu me alevanto e todo eu ardo... (Parte 1b- Versão 2) para marimba solo

António Pinho Vargas
Monodia, quasi um requiem para quarteto de cordas

Luís Tinoco
Ends Meet para marimba e quarteto do cordas

Notas ao programa

O quarteto de cordas e a percussão: ambos emblemáticos em muitos aspectos da música contemporânea. Este concerto, ao juntar os dois, oferece-nos também uma fascinante perspectiva – quase panorâmica – sobre a recente produção portuguesa e a sua extraordinária riqueza e variedade.

Rui Penha, nascido no Porto em 1981, licenciou-se em composição na Universidade de Aveiro, onde desde 2004 é monitor no Departamento de Comunicação e Arte. Estudou com José Manuel Pinheiro, Sara Carvalho, Isabel Soveral e João Pedro Oliveira, e ainda participou em seminários de composição com Emmanuel Nunes, Pedro Amaral e Per Anders Nilsson. Paralelamente à sua produção composicional, desenvolve uma actividade regular como maestro, sendo maestro titular e co-director do *Momentum Ensemble*, grupo especializado na música contemporânea.

Sobre a composição de *Perspective*, obra dividida em cinco breves secções, o compositor diz: “tentei reflectir sobre o meu próprio processo como compositor... no início, trabalho com algum material que se constrói normalmente a partir de algum aspecto em particular da técnica composicional que me interessa nesse momento – neste caso, as dinâmicas interiores de harmonia e as suas relações com timbres e ressonâncias.” Nesta obra concretamente, há uma examinação minuciosa da maneira em que o material inicial “foge” do controlo racional do compositor, e da subsequente tentativa de voltar ao primeiro alvo criativo, sendo, por assim dizer, ao mesmo tempo uma obra e uma análise da mesma e um comentário sobre a natureza de controlo e liberdade na composição.

Patrícia Almeida nasceu em 1972, estudando composição e música electroacústica com João Pedro Oliveira e licenciando-se no ensino de música na Universidade de Aveiro em 1997. Posteriormente doutorou-se na Universidade de Southampton, sob a orientação de Michael Finnissy. Participou também na "Académie d'Été do IRCAM", no "40. Internationale Ferienkurse für Neue Musik - 2000" em Darmstadt, nos "Cours du Centre Acanthes" em 2002 e, em 2003, na Chartreuse de Villeneuve-les-Avignon", além de vários seminários e *workshops*.

Falando das raízes da sua música, Patrícia Almeida diz que “geralmente quando escrevo uma peça há sempre ideias por trás, ideias dramáticas, quer de iluminação, quer de cenografia, quer aspectos extra-musicais. Não sei porquê, mas geralmente quando me vem uma ideia, geralmente vêm outras atrás relacionadas com outros aspectos que não a música (...)” .

Dulce delirium, escrita para trio de cordas, inscreve-se numa série importante de composições com títulos em latim (*Monstrum horrendum, Silens clamor, Res adversae*) que, ostentando assim uma certa “formalidade”, em termos de materiais e processos composicionais tem a ver com elementos fortemente dramáticos – talvez o drama, simplesmente, da condição humana.

Na obra de **João Pedro Oliveira**, já uma das figuras consagradas do panorama da música portuguesa recente, a preocupação também é com a condição humana, mas *sub specie aeternitatis*. Assim, *Espiral de Luz* (2005), para quarteto de cordas, bem como *Et Ignis Involvens*, uma obra puramente electrónica escrita no mesmo ano, inspira-se na visão do Profeta Ezequiel, quando “veio expressamente a palavra do Senhor a Ezequiel”, um teofania, ou seja, uma manifestação do divino na terra. Em termos técnicos, é uma tentativa de sintetizar o mundo instrumental e o mundo electroacústico, mas apenas usando instrumentos acústicos. Segundo o compositor, a utilização de técnicas especiais de execução tentam por vezes transformar o som

instrumental num som "electroacústico", e algum material de *Et Ignis Involvens* é adaptado e utilizado nesta obra.

O percussionista e compositor **Pedro Carneiro** tem seguido um percurso bastante invulgar, a sua produção musical surgindo precisamente da sua experiência de percussionista virtuoso a quem muitos compositores dedicaram as suas obras. *Lentement*", *music boxes floating...* (*whisper for JS* é o décimo andamento de... *ni mots, ni signes...*, para grupo vocal misto, piano preparado/percussão (um instrumentista) e electrónica, escrita em 2003. ... *ni mots, ni signes...* nasceu de uma encomenda da Câmara Municipal de Setúbal, para celebrar o 250º aniversário do nascimento da grande cantora lírica setubalense Luiza Todi. A peça inclui poesia do compositor e de Sebastião da Gama, assim como da obra musical *Les Voix Humaines* de Marin Marais, citada no 10º andamento, para violoncelo solo. A citação da obra de Marais simboliza, segundo o compositor, o poder da voz humana - um infinito de timbres, sons e códigos secretos. O título da peça foi retirado de um quadro (de belas paisagens a tinta da China) do escritor/pintor Chinês Gao Xingjian. ... *ni mots, ni signes...* é dedicada "a György Kurtág... e às suas mensagens secretas".

De...e todo eu me alevanto e todo eu ardo... para marimba solo e parte de um ciclo, o compositor diz que se baseia no poema homónimo de Sebastião da Gama. Todas as obras no ciclo exploram a relação do homem com a sua memória, um luto contínuo de tentar e errar, reconstituindo fragmentos de sonhos que desvanecem...

Da sua obra *Monodia, quasi un requiem*, para quarteto de cordas, **António Pinho Vargas** (n. 1951) diz: "Julgo que é uma peça que contém em si uma capacidade de viajar". A obra é, segundo o compositor, "sobre a morte (daí o *quasi un requiem*) e o grito que não se ouve. Cheguei a escrever uma teoria do grito, uma teoria particular para esta obra. Eram frases que me permitiam reflectir sobre o desaparecimento." Musicalmente, Pinho Vargas considera que ela "está próxima da ideia de um canto suspenso, sem apoio, como o Luigi Nono gosta e também um outro compositor, Nicolaus Huber, que me disse a propósito da minha peça: I like monody." E explica-nos: "monodia não é o mesmo que melodia. É uma linha de uma extrema fragilidade." Essa fragilidade tem, de facto, muito a ver com as texturas transparentes de Nono, embora a linguagem musical seja totalmente outra, como seria de esperar de um compositor cujo percurso o levou do jazz ao pós-modernismo, sem esquecer de uma volumosa produção escrita de artigos sobre a ideia da própria música e o seu contexto cultural e político.

Luís Tinoco formou-se em Composição na Escola Superior de Música de Lisboa e, posteriormente, com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e do Centro Nacional de Cultura completou um Mestrado em composição na Royal Academy of Music em Londres. Foi aluno de António Pinho Vargas e Christopher Bochmann.

Ends Meet (2001-2) foi escrita por encomenda da Câmara Municipal de Matosinhos, e estreada no New Zealand International Arts Festival em 2002, por Pedro Carneiro e membros do ensemble Stroma. O compositor escreve: "A obra é constituída por quatro andamentos numa série de círculos que partilham material entre si. A música não segue uma estrutura com um desenvolvimento no sentido tradicional do termo e insiste em regressar aos seus pontos de origem, tocando os seus fins. Esta ideia de *continuum* surge logo no primeiro compasso, com a música a soar como uma corrente – como se se pudesse ter iniciado noutra qualquer ponto no tempo – evitando um gesto introdutório. Num segundo nível estrutural, pode ser observada uma clara relação entre os andamentos extremos – no que se refere ao ritmo, gesto, textura e organização das alturas – mas, também, entre o segundo e quarto andamentos – no

que se refere à proporção e ao desejo de fundir os timbres da marimba e do quarteto de cordas.”

Ivan Moody

PEDRO CARNEIRO

Pedro Carneiro estudou em França, Inglaterra e Itália, com Sylvio Gualda e David Corkhill (percussão), Leigh Howard Stevens (marimba) e Emilio Pomàrico (direcção de orquestra). Desenvolve uma intensa actividade como concertista e chefe de orquestra convidado em inúmeras orquestras e festivais, nos mais importantes centros musicais do mundo. O seu extenso repertório abrange clássicos do séc. XX: Stockhausen, Reich, Carter e Xenakis, assim como transcrições de obras de Bach, Schumann ou Debussy.

Estreou perto de uma centena de obras, muitas das quais lhe foram dedicadas. Os seus companheiros de música de câmara incluem os pianistas Michael Houstoun e Artur Pizarro, assim como o Quarteto Arditti, Quarteto Tóquio e o Cuarteto Latinoamericano - com quem tem apresentado e gravado um novo repertório para marimba e quarteto de cordas.

É director artístico e maestro principal da *Orquestra de Câmara Portuguesa*, um agrupamento dedicado à promoção da nova geração de músicos portugueses, associado ao Centro Cultural de Belém.

Num futuro próximo, Pedro Carneiro irá realizar a estreia mundial, com a Los Angeles Philharmonic, do novo concerto para percussão de Peter Lieberson, obra co-encomendada pela Orquestra Gulbenkian, que realizará sua primeira audição na Europa; a estreia absoluta do novo concerto para percussão de Christian Lindberg com a Helsinki Philharmonic, com digressões subseqüentes com a Swedish Chamber Orchestra e a Leipzig Radio Symphony Orchestra; a estreia da nova obra concertante de João Pedro Oliveira com a Orquestra de la Comunidad de Madrid; gravação para a ECM Records do concerto de Michael Mantler, em Berlim, assim como a gravação das duas obras concertantes de Takemitsu, para a mesma etiqueta, com a Estonian National Symphony Orchestra, sob a direcção de Olari Elts; gravação para a Rattle Records de "Psyzygism", de John Psathas (concerto para vibrafone e conjunto instrumental), em Wellington, Nova Zelândia.

É artista associado do Centro Cultural do Belém, na temporada 2007/2008.

QUARTETO ARDITTI

Irvine Arditti, Ashot Sarkissjan - violinos

Ralf Ehlers - viola

Lucas Fels – violoncello

O Quarteto Arditti goza de uma reputação internacional pelas suas interpretações enérgicas e de grande capacidade técnica da música contemporânea e do início do Sec. XX. Centenas de quartetos de cordas e outras músicas de câmara têm sido escritas para este *ensemble* desde a sua fundação pelo 1º violinista Irvine Arditti, em 1974. Estas obras deixaram uma marca indelével no repertório do sec. XX e tornaram o Quarteto numa referência da história da música. Estreias mundiais de quartetos por compositores, como Birtwistle, Cage, Carter, Dillon, Ferneyhough, Gubaidulina,

Harvey, Hosokawa, Kagel, Kurtag, Lachenmann, Ligeti, Nancarrow, Reynolds, Rihm, Scelsi, Stockhausen e Xenakis evidenciam bem a grande variedade do repertório deste Quarteto.

O grupo acredita que uma colaboração próxima com os compositores é essencial no processo de interpretação da música moderna e por isso tentam trabalhar com cada compositor cuja música vão interpretar.

O empenho dos músicos na área pedagógica está bem patente nas suas *masterclasses* e *workshops* para jovens intérpretes e compositores, por todo o mundo. Entre 1982 e 1996 os membros do quarteto foram professores em residência na Darmstadt Summer Courses for New Music.

A sua extensa discografia conta agora com mais de cento e cinquenta CD dos quais quarenta e dois foram editados pela etiqueta francesa Naïve Montaigne que apresenta numerosas obras de compositores contemporâneos bem como a primeira gravação digital da integral da música para quarteto de cordas da Second Viennese School. O ignorado Quarteto Helicopter de Stockhausen pode ser ouvido aqui bem como muitas obras de compositores gravados na sua presença, e a integral dos quartetos de Luciano Berio gravados pouco antes da sua morte. Das últimas edições destaca-se música de Ades, Cage, Fedele, Finsterer, Frith, Ingolfsson, Neuwirth e Paredes

Nos últimos 25 anos, o ensemble recebeu muitos prémios pelo seu trabalho: o Deutsche Schallplatten Preis por diversas vezes, o Gramophone Award pela melhor gravação em música contemporânea em 1999 (Elliott Carter) e 2002 (Harrison Birtwistle), o prestigiado Ernst von Siemens Music Prize em 1999 por 'lifetime achievement' em música.

Crédito de foto do Quarteto Arditti: Philippe Gontier

Crédito de foto Pedro Carneiro: Nuno Ferreira Santos/Publico